

MUNDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

OLHARES CRUZADOS (II)

REFLEXÕES INTERARTES
SOBRE CULTURA
E TEORIA LITERÁRIA

VALERIA TOCCO
FILIPA ARAÚJO
CARLOS ASCENSO ANDRÉ
COORD.

Mundos de língua portuguesa - olhares cruzados apresenta a síntese do debate científico que vários especialistas ligados à Associação Internacional de Lusitanistas compartilharam na cidade de Roma, em tempo de pandemia. Neste volume são reunidos estudos que problematizam questões de ordem sociológica, antropológica, ecocrítica ou interartística, transversais à comunidade de língua portuguesa. Encontram-se ainda contribuições que tratam de jornalismo, museus, turismo cultural, cinema, teatro, arquitetura e temas de cultura galega.



I N V E S T I G A Ç Ã O



EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

Email: imprensa@uc.pt

URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEÇÃO GRÁFICA

Imprensa da Universidade de Coimbra

IMAGEM DA CAPA

Agata-Ciosek — Unsplash

INFOGRAFIA

Pedro Matias

EXECUÇÃO GRÁFICA

KDP

ISBN

978-989-26-2531-7

ISBN DIGITAL

978-989-26-2532-4

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2532-4>

MUNDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

OLHARES CRUZADOS (II)

REFLEXÕES INTERARTES
SOBRE CULTURA
E TEORIA LITERÁRIA

VALERIA TOCCO
FILIPA ARAÚJO
CARLOS ASCENSO ANDRÉ
COORD.



(Página deixada propositadamente em branco)

SUMÁRIO

Discurso corânico: possibilidades de novas construções do *ethos* da mulher brasileira. Um estudo sobre a correlação entre a retórica dos versículos sagrados corânicos e os novos valores culturais e existenciais das brasileiras muçulmanas

Mônica Peralli Broti 9

Devorando Capuchinho Vermelho: processos de diferenciação e digestão transcultural

Thales Estefani 37

***Girls in the House: a Machinima* e as estratégias discursivas em narrativa digital**

Jéssica de Amorim Barbosa 55

Mário Pedrosa e o Museu das Origens: Para Pensar a Arte Brasileira

Ana Cecília Araújo Soares de Souza 79

O fantasma de Glauber Rocha no delírio de *Bacurau*, de Juliano Dornelles e Kleber Mendonça Filho

Jolanta Rejzawek 93

Nostalgias e saudades de África: fantasmagorias, pós-memória e reconstruções do passado

Roberto Vecchi 115

**Hermilo Borba Filho e Gil Vicente: Correspondências
Literárias e Culturais**

Rosângela Divina Santos Moraes da Silva 125

Conservadorismo regressivo, ressentimento e dogma

Jaime Ginzburg 175

**Percursos da Crítica e Historiografia Literária Brasileiras
no Século XIX: Gilberto Freyre Crítico de Literatura e Arte**

Rogério Lima 187

**«Tomar uma gelada» ou «entrar numa fria»: humor
e crítica nas tirinhas de Edgar Vasques**

Manuela Luiza de Souza 197

**O Modernismo «sem dureza» de Fernando Távora
e Francisco Keil do Amaral. A resposta portuguesa
a uma interpretação crítica da Arquitectura Moderna**

Mariangela Licordari 223

**Função social dos municípios ecológicos: regulação
e caracterização da (dis)funcionalidade ecológica
municipal pelo descumprimento legal**

Celso Maran de Oliveira 251

**O fotojornalismo e a construção narrativa na imprensa
brasileira durante o Regime Militar (1964-1985)**

Thomas Dreux Miranda Fernandes 273

**Lendo a FLUP, a Festa Literária das Periferias (2012-2020):
um mapeamento das transformações e das publicações
literárias do festival literário carioca**

Laura Fracalanza 295

A arte portuguesa pelo mundo. Robert C. Smith: dimensão de um legado	
<i>Sílvia Ferreira</i>	315
Os rascunhos dramáticos inéditos de Xohán Casal: pensamento, estética e desígnios	
<i>Carlos-Caetano Biscainho-Fernandes</i>	339
O campo editorial galego de 2003 a 2019: uma aproximação empírica e relacional	
<i>Lucia Cernadas</i>	359
Heterotopia à flor da pele, histórias de corpos e afetos	
<i>Anna Amélia de Faria</i>	385
O labirinto da saudade é um passeio turístico pela Lisboa moderna	
<i>Agnese Soffritti</i>	403
A página sete: o lugar da imagem no «Artes e Letras» em 1955	
<i>Elizabeth Olegario Bezerra da Silva</i>	423
E se fosse connosco? A construção de coligações anti-racistas no RAP português contemporâneo	
<i>Peter Haysom-Rodríguez</i>	449

**A ARTE PORTUGUESA PELO MUNDO.
ROBERT C. SMITH: DIMENSÃO DE UM LEGADO¹**

**PORTUGUESE ART AROUND THE WORLD.
ROBERT C. SMITH: DIMENSION OF A LEGACY**

Sílvia Ferreira

Universidade NOVA de Lisboa,
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
<https://orcid.org/0000-0001-7064-9508>

RESUMO: Robert C. Smith (1912-1975), historiador de arte norte-americano, chegou a Portugal em meados dos anos trinta do século XX para estudar a obra do arquiteto Frederico Ludovici e o palácio-convento de Mafra. A partir desse momento, não mais deixará de se dedicar aos estudos de arte barroca luso-brasileira, consagrando grande parte da sua carreira académica a investigar intensamente as manifestações desta arte. Empenhou-se em fazê-lo em vários contextos de divulgação, quer na academia, quer estendendo-a a outros públicos. Divulgou os seus estudos tanto em revistas académicas internacionais, levando para fora o conhecimento da praticamente desconhecida arte barroca dessas geografias, como em jornais locais. Ao legar o seu espólio profissional à Fundação Calouste Gulbenkian, por disposição testamentária, Smith ofereceu a Portugal um conjunto valioso

¹ Este estudo enquadra-se na investigação financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito da Norma Transitória – [DL 57/2016/CP 1453/CT0029].

de documentos, fotografias, plantas, gravuras e obras inéditas, que elucidam a sua carreira como professor e ativo historiador de arte. O seu legado reflete a sua personalidade de investigador incansável e plurifacetado. Em Portugal, à data da sua morte, tinha várias obras em mãos que desejava publicar e já outros tantos projetos em vista, que a riqueza da arte portuguesa barroca lhe proporcionava. A sua morte precoce e inesperada em 1975 obliterou os tantos projetos e edições que preparava, colocando nos historiadores vindouros a missão da continuidade dos seus estudos. Aceitar este desafio é não só reconhecer a valia patrimonial destas manifestações artísticas e a necessidade do seu estudo e divulgação, como também homenagear Robert C. Smith e o seu legado.

Palavras-chave: Robert C. Smith, Barroco, Portugal, espólio profissional, Fundação Calouste Gulbenkian.

ABSTRACT: Robert C. Smith (1912-1975), American art historian, arrived in Portugal in the mid-1930s to study the work of the architect Frederico Ludovici and the palace-convent of Mafra. From that moment on, he would never cease to dedicate himself to the study of Luso-Brazilian Baroque art, devoting a large part of his academic career to intensely research the manifestations of this art. He endeavored to do so in various contexts of dissemination, both in the academy and extending it to other audiences. He disseminated his studies both in international academic journals, taking knowledge of the virtually unknown Baroque art of those geographies abroad, and in local newspapers. In bequeathing his professional estate to the Calouste Gulbenkian Foundation, by testamentary disposition, Smith offered Portugal a valuable set of documents, photographs, plans, engravings and unpublished works, which elucidate his career as a teacher and active art historian. His legacy reflects his personality as a tireless and multifaceted researcher. In Portugal, at the time of his death, he had several works in hand that he wished to publish and already had many other projects in view, which the richness of Portuguese Baroque art offered him. His early and unexpected death in 1975 obliterated the many projects and editions he was preparing, leaving it to future historians to continue his studies. Accepting this challenge is not only to recognize the value of the heritage of these

artistic manifestations and the need to study and disseminate them, but also to pay homage to Robert C. Smith and his legacy.

Keywords: Robert C. Smith, Baroque, Portugal, professional estate, Calouste Gulbenkian Foundation.

1. Entre o global e o regional

Os estudos sobre a arte barroca luso-brasileira, entre sensivelmente 1934-1975, conheceram na figura do historiador de arte norte americano, Robert C. Smith (1912-1975), um dos seus mais empenhados historiadores, dedicando grande parte da sua carreira académica a investigar intensamente as manifestações desta arte, numa primeira etapa no Brasil, desde 1937 e posteriormente em Portugal, a partir do final dessa década. Empenhou-se, não só em fazê-lo em contexto académico, mas estendendo-o também a públicos vastos e diferenciados. A divulgação dos seus estudos é reconhecida em veículos como jornais e revistas, muitas vezes, apenas de tiragem regional, de que são exemplos entre outros, o *Notícias dos Arcos*, ou *Comércio do Porto*. Concomitantemente, publicava em revistas internacionais, dando a conhecer a produção de arte barroca portuguesa, até então praticamente ignota. Alguns exemplos destas publicações são: (Smith, 1953, pp. 349-384; 1964, pp. 130-135; 1965, s.p.; 1969, pp. 6-22; 1969a, pp. 16-33; 1969b, pp. 665-662; 1971, pp. 214-220; 1973, pp. 376-387).

Um dos projetos de edição internacional sobre arte portuguesa foi aquele que deu origem a um número especial da conceituada revista *Apollo*, o 134, de 1973. Desde 1970, que Robert Smith estava em contato com o diretor da revista, Dennys Sutton² (Platzer,

² Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian (BAFCG), Espólio de Robert C. Smith, cx. 28, capilha «Apolo Magazine».

2011-12, pp.82-90). O artigo que enviou para a *Apollo* foi o «Three Artists of Braga», acompanhado da sugestão da sua inclusão num número especial da revista dedicado à arte portuguesa do século XVIII. Enumera nomes de possíveis colaboradores, entre eles Carlos de Azevedo, que era especialista em solares portugueses e caixas de órgãos, José Augusto França, estudioso da Lisboa pombalina e diretor da revista *Colóquio*, Flávio Gonçalves, que indica como herdeiro e continuador do seu trabalho, Bernardo Ferrão, que considera o maior especialista em mobiliário português e cerâmica e, por fim, Helmut Wohl, professor de história da arte na universidade de Boston e especialista em arquitetura barroca do sul de Portugal.

A 24 de abril de 1972, Smith escreve novamente a Dennys Sutton, enviando uma breve biografia, nela exaltando os seus livros publicados sobre arte portuguesa:

Robert C. Smith [...] é autor de *The Art of Portugal*, *A Talha em Portugal*, Nicolau Nasoni e de outras publicações sobre a arte e a arquitectura portuguesas e brasileiras. Entre estas incluem-se Frei José de Santo António Vilaça, Escultor Beneditino do Século XVIII, um estudo exaustivo do estilo Rococó em Braga e a sua relação com a ordem Beneditina no norte de Portugal, que será brevemente publicado pela Fundação Calouste Gulbenkian [...] ³.

A edição contou com os seguintes autores: José-Augusto França; Helmut Wohl; Robert Smith (que escreveu três artigos); Carlos da Silva Lopes, Bernardo Ferrão de Tavares e Távora; Maria Alice Beaumont e Maria Helena Mendes Pinto.

Os autores que Smith reuniu para esta edição especial da *Apollo* eram todas pessoas que conhecia muito bem e que eram assíduas nos circuitos onde se movia. José-Augusto França esteve com ele

³ Tradução da autora.

no Congresso Internacional «A arte em Portugal no século XVIII. Estudos em homenagem a André Soares», que decorreu entre 6 e 11 de abril em Braga e no Porto (Ferreira, 2019, pp.85-131), Carlos da Silva Lopes tinha sido conservador no Palácio de Maфра desde finais dos anos 30 até 1945, ano em que se instalou no Porto. Terá, certamente, contatado com Smith quando este estudou o dito palácio para a sua tese de doutoramento, entre 1934-35. Apaixonado pela história do mobiliário português, como aliás também Robert Smith, escreveu cerca de 80 artigos, ao longo das décadas de 60 e 70, para o jornal do Porto *Primeiro de Janeiro*. Esses artigos foram reunidos em livro, em 2004 (Lopes, 2004).

Bernardo Ferrão de Tavares e Távora, grande conhecedor da história do mobiliário e demais artes decorativas portuguesas, com destaque para a cerâmica e os marfins, era muito admirado por Smith, como comprova a epistolografia do espólio de Ferrão⁴.

Quanto a Maria Alice Beaumont e Maria Helena Mendes Pinto, ambas eram conservadoras do MNAA e, portanto, de convivência assídua com Smith nas inúmeras interações que teve com o museu, desde os anos 40.

A divulgação e análise da arte luso-brasileira dos séculos XVII e XVIII ditou a sua participação em congressos, cursos ou tertúlias, inserida no amplo contexto da produção do continente europeu e dirigiu-se a públicos e geografias vastas, contemplando o seu país natal, EUA, mas também a Europa e o Brasil. A sua reconhecida facilidade de expressão oral e escrita em português, que foi afinando ao longo do largo tempo de contatos, investigação e publicação neste idioma, aproximou-o ainda mais das instituições locais, dos intelectuais e das populações dos lugares onde levava a cabo as suas pesquisas e estudos (Russell-Wood, 2000, pp.31-65), (Sala, 2000, pp.109-117).

⁴ <https://arquivoatom.up.pt/index.php/circulo-dr-jose-de-figueiredo>

Formado na Universidade de Harvard, em Boston, pertenceu ao grupo de estudiosos da cultura latino-americana dessa universidade e de outras instituições dedicadas ao tema, chegando a ser diretor (1942-1943), co-diretor (1939-1945) e conservador da secção de gravuras e fotografias da *Hispanic Division* sediada na Biblioteca do Congresso, em Washington. Em 1936 começou a colaborar no *Handbook of Latin American Studies*, sendo responsável pela secção sobre arte e cultura do Brasil, presença que manteve com ligeiras intermitências até 1962. Foi ainda co-editor, a par de Elizabeth Wilder, de *A Guide to the Art of Latin America*, publicado em Washington, pela Biblioteca do Congresso, em 1948. Organizou material para palestras de professores norte-americanos sobre arte colonial brasileira e ainda compilou cerca de 10.000 fotografias para o acervo fotográfico do arquivo de Cultura Hispânica. Em 1949 dirigiu a Comissão de Estudos Inter-americanos da Universidade da Pensilvânia. (Russell-Wood, 2000, p.45).

Entre 1945 e 1946 lecionou história da arte no Sweet Briar College (Moss, 2014, pp.69-78). A sua carreira académica consolidou-se na Universidade da Pensilvânia, na qual foi professor de 1947 até à sua reforma por invalidez em 1972. Foi ainda membro de várias instituições culturais, das quais se destacam o Atheneum of Philadelphia⁵ e o Winthertur Museum⁶. Aliás, é o próprio Smith que refere as instituições às quais era afiliado, em 1961, quando foi convidado por João Couto, diretor do Museu Nacional de Arte Antiga, para proferir uma palestra sobre mobiliário europeu:

[...] sinto-me profundamente privilegiado em poder participar este ano no intercâmbio de professores portugueses e americanos

⁵ Foi nomeado por Harold D. Eberlein, em 1949. Sobre a história da instituição e sua ação na atualidade veja-se <https://philaatheneum.org/>.

⁶ Sobre o Winthertur Museum veja-se o seu site em <https://www.winterthur.org/about/>.

do programa Fulbrighth com dois cursos de conferências, um na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, o outro aqui neste belíssimo Museu [...] o Museu de Arte Antiga, ao invés, é o museu da Europa que melhor conheço, tendo trabalhado aqui, estudando e fotografando, por mais de vinte anos, sempre auxiliado da maneira mais carinhosa pelo seu ilustre director e excelente pessoal [...] agradeço ao Senhor Doutor João Couto, meu grande amigo e mestre em estudos portugueses, a imensa honra que este convite faz a mim e as três instituições norte-americanas a que pertenço, a Universidade da Pensilvânia, o Museu DuPont de Winterthur, e a Biblioteca do Congresso de Washington. (BAFCG, cx. 24, doc. 31)

Em poucas linhas percebemos a plena integração de Robert Smith no meio dos museus e da academia. Como professor, chegou até nós através do programa Fulbright, e seria o primeiro norte-americano a ter esse privilégio em Portugal. Reafirma a antiguidade da amizade que o liga a João Couto, certamente desde a sua participação no Congresso integrado nas Comemorações de 1940 na «Exposição do Mundo Português» (Ferreira, 2021).

De uma forma muito peculiar, Smith resumiu em poucas palavras o seu percurso académico e de vida na ficha de membro do Atheneum of Philadelphia:

Pelos padrões de Harvard, a minha vida tem sido razoavelmente bem-sucedida. Tenho dinheiro suficiente, uma casa do século XIX em Delancey Place, em Filadélfia, e uma quinta do século XVIII em Chester Valley e o meu nome no Registo Social. A melhor parte do meu tempo é passada nos arquivos de Portugal e na escrita, em português, de vários livros que colheram favor naquela nobre terra, generosa e bem governada. Nos últimos anos, trabalhando para a Fundação Calouste Gulbenkian de Lisboa, tive o privilégio de recuperar para o património nacional grandes figuras

artísticas negligenciadas, como Nicolau Nasoni, André Soares, Frei Cipriano da Cruz e Frei José de Santo António Vilaça. Tenho estado também bastante ocupado como professor e historiador do mobiliário americano e europeu. Um livro meu sobre este último tema [The Art of Portugal] acaba de ser aceite por uma editora londrina⁷. (Moss, 2014, p.71).

Os graus académicos que obteve culminaram no doutoramento. Dedicou-os todos à arte italiana com expressão em Portugal e à arte portuguesa, a saber: à Capela de São João Baptista da Igreja de S. Roque, de Lisboa e ao Palácio Nacional de Mafra.

A construção da sua obra sobre temas portugueses foi, em grande parte, patrocinada pela FCG, através de bolsas de estudo, publicação de obras suas e outras ajudas de custo (Sala, 2000, pp.113-116). Não é por isso de admirar, que no seu testamento tenha legado a esta Fundação todo o seu espólio de trabalho, bem como as condecorações que recebeu, tanto em Portugal, como no Brasil⁸.

2. Morte e disposições testamentárias

A morte inesperada de Robert Smith, por suicídio, aconteceu em 1975 na sua casa de Chester Valley. O facto de dias antes ter-se correspondido com colegas e amigos em Portugal e nos EUA,

⁷ Tradução da autora. Apesar de Moss indicar, que o livro seria *The Art of Portugal*, pensamos que seria antes aquele sobre mobiliário, preparado por Smith para ser editado pela *Phaidon*. Uma passagem deste excerto tinha sido já referida por Russell-Wood, concretamente aquela onde Smith classifica Portugal como uma terra bem governada (Russell-Wood, 2000, 38).

⁸ Este acervo, que cobre cerca de 40 anos da vida profissional de Chester Smith, está a ser alvo de estudo, integrado no nosso projeto de investigação, que decorre no Instituto de História da Arte da FCSH da Universidade Nova de Lisboa, intitulado: «O legado de Robert C. Smith: novas perspetivas para a História da Arte em Portugal».

demonstrando um estado de espírito animado e empenhado em prosseguir os vários trabalhos que desenvolvia ao tempo, adensaram o enigma e fizeram do seu suicídio um evento envolvido em aura de mistério, que se mantém até hoje. Segundo o seu colega e presidente do Atheneum of Philadelphia, Roger Moss (1968-2008):

Smith reformou-se antecipadamente da Universidade da Pensilvânia em 1972 e, a 21 de agosto de 1975, suicidou-se. A sua governanta relatou, que na véspera do seu suicídio recebeu a visita inesperada de dois homens de fato, que se faziam transportar num carro sem marca. Depois de terem partido, Robert parecia distraído e não tocou na refeição que ela preparou para ele. No dia seguinte foi encontrado caído no seu carro, na garagem fechada, com um livro no colo e o depósito de gasolina vazio. O que tinha sido dito na noite anterior para o incitar à autodestruição permanece um mistério. Não encontrei qualquer indício de depressão nas cópias de correspondência com amigos e colegas nos dias imediatamente anteriores à sua morte, nem a sua governanta notou qualquer mudança de humor antes da chegada dos visitantes não identificados (Moss, 2014, p. 71)⁹.

A perplexidade de Moss estendeu-se aos colegas portugueses, que com ele tinham contatado dias antes, através de cartas trocadas. Flávio Gonçalves, professor de história da arte na Faculdade do Porto, terá sido o amigo que mais sentiu e estranhou a sua morte. Incansável companheiro de pesquisas de Smith, mostrou-se profundamente abalado com a morte deste. Uma carta sua, datada de 6 de Outubro de 1975, dirigida a Egídio Guimarães, diretor da Biblioteca Pública de Braga, informa que está a escrever um artigo em memória de Robert Smith e refere que o amigo recentemente

⁹ Tradução da autora.

falecido mostrou intenções de lhe deixar os seus arquivos de trabalho, ideia imediatamente contestada por Flávio Gonçalves, que o terá aconselhado a ofertá-los à FCG. No final da carta acrescenta: «Em Filadélfia continuam a defender a ideia do suicídio. Parece-me incrível. No dia anterior à morte mandou-me uma carta com planos de trabalho...»¹⁰. A 21 do mesmo mês e ano, o mesmo Flávio Gonçalves torna a escrever a Guimarães, confirmando a notícia e o *modus operandi* do suicídio do amigo:

O Prof. Smith levou para a garage uma mangueira de jardim, ligou uma das extremidades ao tubo de escape do automóvel, fechou as portas da garage, sentou-se no interior do carro, onde penetrava a outra ponta da mangueira, e deixou-se morrer envenenado! [...] dois antes do suicídio remeteu ele para cá, pelo menos, duas cartas, falando, entusiasmado, no prosseguimento do seu trabalho e dos seus projectos. Algo aconteceu no dia 19 ou 20 de Agosto, que alterou radicalmente tudo, que seria?¹¹.

O testamento de Robert Smith foi redigido a 4 de fevereiro de 1972 (BAFCG, ArquivoBA00015.00002) e espelha as suas preocupações com a continuidade do seu legado, providenciando para que o seu espólio profissional ficasse bem entregue e que o seu pecúlio financeiro fosse maioritariamente empregue em apoiar e dinamizar os estudos portugueses na sua *alma mater*, a Universidade de Harvard.

As disposições testamentárias de Smith, referentes ao seu acervo profissional e aos seus bens terrenos estipulam, entre outras, que todo o seu espólio fotográfico, negativos, transparências, notas e manuscritos, gravações, diplomas e insígnias sejam entregues

¹⁰ Carta expedida por Flávio Gonçalves para Egídio Guimarães. Espólio particular de Egídio Guimarães. Agradeço a Eduardo Pires de Oliveira a generosa partilha das cartas.

¹¹ Ibid.

à Fundação Calouste Gulbenkian; que a soma de quinhentos mil dólares fosse entregue ao Presidente e membros da Universidade de Harvard para estabelecerem uma cátedra em estudos de língua e literatura portuguesas, em homenagem à sua mãe Nancy Clark Smith. Esta cátedra funciona até aos dias de hoje e é atualmente ocupada por Josiah Blackmore¹². A fonte do rendimento teria de ser sempre tornada pública. Em outra alínea do seu testamento declara deixar o remanescente de todos os seus bens ao presidente e membros da Universidade de Harvard, para serem colocados num fundo com o seu nome, Robert C. Smith, Jr., para Estudos Portugueses¹³. As receitas deste fundo seriam utilizadas essencialmente para a compra de livros relevantes para a biblioteca da Universidade e para providenciar bolsas de estudo de pós-graduação na área dos estudos portugueses. Deixa também dez mil dólares ao Atheneum de Filadélfia, do qual era membro desde 1949. Outra disposição interessante é o legado que deixa ao seu afilhado Laurits Halverson Schless: vinte e cinco mil dólares e uma imagem de São Lourenço, do século XVIII. Laurits era filho de Nancy Halverson Schless e de Guy Lacy Schless. Nancy Schless, discípula de Robert Smith, como assim a caracteriza Russell-Wood (2000, p.41) era membro da American Philosophical Society, instituição de que Robert Smith também fazia parte¹⁴. Note-se, que à semelhança da disposição de Smith em legar fundos à Universidade de Harvard, Nancy Schless tem igualmente uma bolsa de estudo em seu nome na American

¹² Detentor da cátedra Nancy Clark Smith e professor de Línguas e Literaturas Portuguesas. Cf. <https://rll.fas.harvard.edu/people/josiah-blackmore>.

¹³ https://library.harvard.edu/sites/default/files/static/funds/415_492538.html.

¹⁴ No obituário de Nancy Halverson Schless, de 6 de novembro de 2002 refere-se, que donativos para a *American Philosophical Society* seriam bem-vindos. Publicado pelo *Philadelphia Inquirer/Philadelphia Daily News* a 7 de novembro de 2002. <https://www.legacy.com/us/obituaries/inquirer/name/nancy-schless-obituary?pid=582295>.

Philosophical Society, destinada a apoiar alunos em estudos de museus e bibliotecas¹⁵.

Nancy Schless foi contatada pelo diretor do Serviço de Belas-Artes da FCG, Manuel da Costa Cabral (1994-2011), convidando-a e ao seu marido para estarem presentes na inauguração da exposição que a FCG dedicou a Robert Smith, em 2000. A 24 de janeiro de 2000 agradece, referindo:

A Decorative Arts Society, Inc. dos Estados Unidos (para quem Robert Smith é uma lenda) pediu-me para escrever para a sua Newsletter um texto sobre a vossa exposição. Visto que tenho sido presidente do júri, que atribui o prémio Robert C. Smith, desde o seu início em 1978, pareceu-me o convite apropriado. O texto será publicado no número de março da Newsletter da Decorative Arts Society¹⁶.

Dois anos mais tarde, pouco antes do seu falecimento, em nota ao editor do *University Chicago Press Journals, Studies in the Decorative Arts* (2003, p.174), escreve:

É com gosto que informo que, uma vez, mais um artigo publicado pelo *Studies in the Decorative Arts* ganhou o prémio Robert C. Smith da *Decorative Arts Society, Inc.* para melhor artigo sobre artes decorativas publicado no ano anterior [...] este prémio é o único na América do Norte atribuído pela excelência de uma publicação sobre artes decorativas. Foi iniciado em 1978 e tem

¹⁵ <https://www.amphilsoc.org/blog/2020-2021-library-museum-fellows>.

¹⁶ FCG, SBA, exposições, cx. «Robert Smith», correspondência recebida USA. SBA 15537. Tradução da autora. Apesar de manifestar esta intenção, desconhecemos se Schless chegou a escrever o texto solicitado. Contatada a Decorative Arts Society Inc., informaram desconhecer qualquer artigo publicado na sua newsletter, em 2000, em nome de Nancy Schless. Pesquisas em outras publicações da área também não resultaram na localização do referido artigo.

sido atribuído desde 1983. Robert S. Smith (1912-1975) teve uma longa carreira académica como professor de história da arte e de artes decorativas na Universidade da Pensilvânia e no curso de mestrado do *Henry du Pont Winterthur Museum*, em colaboração com a Universidade do Delaware¹⁷. Foi autor de vasta obra, publicou dezanove livros e mais de duzentos artigos dedicados às artes decorativas europeias e americanas [...].

Atualmente, o prémio Robert C. Smith continua ativo, e no site da *Decorative Arts Society Inc.* pode ler-se, reiterando as palavras de Schless em 2003, que esta distinção é dada ao melhor artigo sobre artes decorativas publicado em determinado ano e que recebe a sua denominação do reconhecido historiador de arte Robert C. Smith. A Sociedade justifica a criação do prémio com o nome deste historiador de arte, em reconhecimento do seu constante envolvimento e acompanhamento dos alunos e da sua permanente disposição em trocar ideias e a abraçar campos de investigação até então ignorados ou parcamente estudados. Realçam a sua vasta produção bibliográfica, especialmente, em estudos de mobiliário e das artes decorativas em geral. Reforçam ainda a sua longa colaboração com o *Winterthur Museum*, como perito de arte e professor¹⁸.

3. As obras inéditas

À data da sua morte, Smith tinha por publicar, em Portugal, dois livros, nos quais vinha trabalhando intensamente: «Biblioteca Joanina de Coimbra», a ser publicado pela Editora Livros Horizonte

¹⁷ Sobre este curso, que o Henry Du Pont Winterthur Museum ainda ministra, em colaboração com a Universidade do Delaware, veja-se: <https://www.winterthur.org/winterthur-program-in-american-material-culture/>.

¹⁸ Veja-se <http://www.decartsociety.org/awards>.

e «Miscelânea de estudos de arte e história social dos séculos XVIII e XIX em Portugal», para o qual contava com o apoio financeiro e logístico da FCG. Sobre este último projeto de edição, elucida-nos um documento do arquivo da FCG, datado de 2 de outubro de 1975 (FCG, SBA, arquivo, BA00015.00001). Nele, refere-se abreviadamente, que os estudos versariam sobre talha, pintura, azulejo e história social. O valor da bolsa proposto pelo próprio Smith foi de cento e dez mil escudos. A 19 de julho de 1973, a proposta de Robert Smith foi deferida. A decisão foi-lhe comunicada, ressaltando-se que não haveria lugar a recebimento de direitos de autor, se a obra fosse efetivamente publicada pela FCG, e que o produto da venda dos exemplares reverteria para a mesma fundação, sendo que o autor teria direito a receber alguns exemplares. Smith aceita rapidamente os termos da Fundação e a partir de 1 de janeiro de 1974 começou a contar o tempo da sua bolsa. No entanto, logo no início de março desse ano, Smith adoece gravemente e regressa de urgência aos Estados Unidos, não sem deixar uma carta ao diretor do Serviço de Belas-Artes da FCG, explicando as razões do seu regresso apressado a casa.

Em carta semelhante dirigida a Guilherme Braga da Cruz, diretor da Biblioteca da Universidade de Coimbra, datada de 11 de março desse mesmo ano (BAFCG, espólio de Robert C. Smith, cx. 1, Doc. 18 d.), comunica que se encontra doente e que o seu médico lhe aconselhou descanso total durante uma semana. Adianta, que os graves sintomas que ditaram a sua saída de Portugal já tinham desaparecido, mas que teria de permanecer na sua casa de campo. Para além disso, o seu médico desaconselhou-o a efetuar longos períodos de trabalho intenso, como aqueles que fazia em Portugal. Diz que trabalhará em casa, pondo em ordem as suas notas e fotos, que refere serem muitas, feitas nos dois meses passados. Menciona ainda, que está a escrever vários ensaios da «Miscelânea» projetada para a FCG, e que tem esperança de poder voltar em outubro a

Portugal. Durante esse período também faria o possível para preparar uma primeira versão do texto do livro da Biblioteca de Coimbra.

Em julho de 1974, Robert Smith escreve a comunicar ao então diretor da FCG, que viria a Portugal no mês de outubro. Como assinalou, então, o diretor «foram estas as últimas notícias que recebemos do Prof. Robert Smith, que viria a falecer em fins de Agosto».

A colaboração mais intensa de Smith com a FCG começou em 1962, quando se candidatou a uma bolsa de estudo com o objetivo de desenvolver pesquisas aprofundadas sobre a arte da talha em Portugal (Ferreira, 2021).

A partir desta data contou sempre com o reconhecimento da Fundação para com a relevância do seu trabalho. Em Robert Smith foi reconhecido o já celebrado académico, o vasto conhecedor da arte barroca europeia e um dos estudiosos que mais se empenhava em desvendar e difundir as manifestações artísticas singulares do Barroco no Brasil e em Portugal.

Esta profícua colaboração permitiu ao historiador de arte norte-americano visitar Portugal nas suas pausas letivas da Universidade da Pensilvânia, fotografando e documentando em arquivos e bibliotecas, as obras de arte que mais tarde seriam alvo dos seus estudos e publicações.

Em finais dos anos 60, Smith inicia a investigação sobre a Biblioteca Joanina de Coimbra, que o acompanhará até à data da sua morte, em 1975.

Em diversas fontes fomos repescando informação sobre o projeto e seu desenvolvimento. Em primeiro lugar, nos escritos manuscritos e datilografados depositados na BAFCG, em seguida, no espólio epistolográfico. Smith trocou cartas com dezenas de pessoas em Portugal e só agora, na prossecução do nosso projeto, vamos reconhecendo a miríade de personalidades com que se cruzou, trabalhou diretamente ou apenas trocou ideias e pediu favores. Dentro deste conjunto e no âmbito do nosso tema, destacamos Flávio Gonçalves,

Egídio Guimarães, Guilherme Braga da Cruz, Maria Helena da Rocha Pereira e Lígia Brandão.

Sobre a Biblioteca Joanina, as cartas que trocou com Guilherme Braga da Cruz, Maria Helena da Rocha Pereira e Lígia Brandão são fundamentais para a compreensão do seu método de trabalho, os objetivos que traçava e os meios utilizados para os atingir. Smith desejava sistematizar a história da construção da Biblioteca, trazendo a lume os nomes de artistas e artífices ignorados até então, compreender os seus laços interpessoais e descobrir outras obras onde intervieram, perceber a influência da Universidade, em termos do padroado que detinha de tantas igrejas na órbita geográfica de Coimbra, e não só, e, finalmente, fazer uma atribuição consistente sobre a autoria do projeto decorativo da Biblioteca.

Desta pesquisa fica-nos uma certeza, durante finais da década de sessenta e até à sua morte, Smith trabalhava intensamente em vários projetos, ao mesmo tempo que via a sua saúde degradar-se vertiginosamente o que, por vezes, o obrigava a parar e a regressar aos Estados Unidos e à sua casa de campo.

Depois de ter editado os livros sobre Marceliano de Araújo (1970), Frei José de Santo António Vilaça (1972) e André Soares (1973), tinha em mãos múltiplos trabalhos, dos quais constavam como mais vultuosos, o da Biblioteca Joanina, o da Miscelânea de Estudos e ainda aquele dedicado ao mobiliário europeu. Neste turbilhão de edições e projetos, Smith parecia querer agarrar a vida e sofregamente trabalhava para revelar as suas pesquisas. Tanto trabalho em mãos, e a saúde e o corpo já fustigado, a interromperem frequentemente os seus desígnios.

Da epistolografia trocada entre Smith e responsáveis por cargos de direção na Universidade e Biblioteca de Coimbra, começamos por destacar uma missiva de 20 de março de 1971 enviada por Maria Helena da Rocha Pereira, ao tempo vice-reitora da Universidade.

De acordo com o pedido de V. Ex.^a, envio em correio aparte cinco plantas da Biblioteca Joanina desta Universidade, para servir de base ao estudo que se propõe fazer, e pelo qual vivamente nos interessamos [...] esteja V. Ex.^a certo de que teremos sempre o maior gosto em lhe fornecer os dados ao nosso alcance para a preparação dos seus estudos de arte portuguesa, e nomeadamente os que digam respeito à nossa Universidade. (BAFCG, cx. 1)

A 9 de Abril de 1971 Smith responde a Maria Helena da Rocha Pereira, agradecendo o envio das plantas, que considera elementos fundamentais para o seu estudo sobre a «construção e autoria da Biblioteca».

No dia 17 de abril de 1973, Smith escreve a Guilherme Braga da Cruz:

Entusiasmado com o êxito que tive com as muitas fotografias tiradas na Biblioteca Joanina de Coimbra, pretendo voltar àquele assunto logo depois da Páscoa. Passarei os dias de 23-25 em Coimbra, espero encontrar o Prof. Lopes de Almeida¹⁹ para verificar alguns dos contratos que copiei. Espero achar igualmente V. Exa. presente para poder-lhe expor certas ideias e perguntas que tenho acumulado [...]. (PT.UCP.CEHR.AGBC.02.10771).

Apesar de se referir mais do que uma vez às fotografias por si captadas na Biblioteca Joanina, com a qualidade das quais se mostrava bastante satisfeito, estas nunca foram encontradas e isso mesmo é referido por Flávio Gonçalves e Hellmut Wohl, no relatório que apresentam à FCG depois de terem viajado para Filadélfia para

¹⁹ Sobre a figura e ação do Professor Manuel Lopes de Almeida, que foi diretor interino do Arquivo da Universidade de Coimbra e Diretor da Biblioteca Geral da mesma instituição de ensino, ver <https://www.uc.pt/bguc/DocumentosDiversos/LopesdeAlmeida>.

escolherem no espólio de Smith os seus documentos de trabalho legados em testamento àquela instituição: «não encontrámos quaisquer fotografias do interior ou do exterior da Biblioteca da Universidade de Coimbra» (BAFCG, BA00015.00001). Afortunadamente, estas fotografias foram recentemente localizadas no seu espólio na FGC.

Um carta de Smith de 27 de maio de 1973 (PT.UCP.CEHR. AGBC.02.10801) para Braga da Cruz, refere:

Em Coimbra estabeleci contacto com o Dr. César Pegado²⁰ que me ajudou enormemente, com problemas de bibliografia, desenhos setecentistas, etc. de grande importância para o meu estudo da Biblioteca Joanina. Facultou-me a consulta de certos manuscritos, que cederam precisamente o que procurava, de modo que esta visita teve muito êxito. Espero continuar este trabalho e levar a cabo a minha investigação quando voltar a Portugal em Novembro [...].

A 18 de julho de 1973, Braga da Cruz escreve a Robert Smith (BAFCG, s.d., doc. 18b) e comenta: «Estamos todos em expectativa com o seu projectado livro sobre a Biblioteca Joanina. Deus lhe dê ânimo, vida e saúde para levar essa e outras obras a bom termo».

Quatro meses depois Robert Smith escreve a Braga da Cruz:

Graças a uma generosa verba a mim concedida pela Fundação Calouste Gulbenkian, vai ser possível fazer um estágio demorado em Portugal, com o fim de preparar um novo livro, em que pretendo reunir uma dúzia de estudos de artistas pouco ou nada conhecidos do século XVIII. Entre os pintores figurará aquele Manuel da Silva, a respeito de quem encontrei coisas tão interessantes nos Livros de despesa da Universidade, que consultei em Abril (pagamentos do tecto da capela dos reitores, pintura das

²⁰ Sobre César Joaquim da Silva de Oliveira Pegado (1909-1990). Cf. <https://www.uc.pt/bguc/DocumentosDiversos/CesarPegado>.

estantes da biblioteca, uma das salas da qual ele começou em azul, grande tarja acrescentada ao retrato de D. João V, tudo incorporado agora em dois artigos que fiz para o suplemento literário de O Comércio do Porto).

Nesta mesma carta refere que conta estar em Coimbra durante quatro meses e pretende instalar-se na cidade (PT.UCP.CEHR.AGBC.02.10946a e 10946b).

Passam dois meses desde a última missiva, quando a 14 de janeiro de 1974, Smith escreve de novo ao diretor da Biblioteca da Universidade:

Em Coimbra também tudo correu bem e durante as duas visitas que fiz ao Arquivo consegui percorrer os livros de Despesa da Universidade desde 1728 até 1750. Entre outras coisas de grande interesse para mim figuram a data das mesas da Biblioteca Joanina e a aquisição de grandes coleções de livros em Amesterdão, sob a direção do Cardeal da Mota. Aguardo com imensa esperança a leitura dos contratos dos três tabeliães, que deve fornecer-me alguns contratos de obras de arte ligadas com a obra da Real Livraria. (PT.UCP.CEHR.AGBC, 11049a)

A 24 de março do mesmo ano, Braga da Cruz lamenta que Smith tenha adoecido e deixado Portugal, dizendo-se particularmente satisfeito por saber que, no entanto, está a aproveitar o seu descanso, dedicando-se ao livro da Biblioteca Joanina. Termina, dizendo: «Escuso de lhe dizer que tudo o que possa necessitar aqui de Coimbra e desta sua casa que é a Biblioteca Geral da Universidade será para nós um prazer servi-lo» (BAFCG, s.d., cx. 1, capilha doc. 18a).

As diligências de Smith relativamente à sua investigação sobre a Biblioteca Joanina continuavam. Entre maio e julho de 1975 existe

correspondência entre Smith, Lígia Brandão e o então diretor da Biblioteca Nacional, o historiador Oliveira Marques.

As cartas que Lígia Brandão envia contêm fotocópias de contratos de obra e pagamentos a artistas, bem como elencos de artistas, que ela própria compilou, nomes como António Jorge Pinto (ourives); Manuel de Andrade (entalhador); João Pedro Binhetti (pintor italiano); José das Neves Figueiredo (pintor); Agostinho de Paiva (oleiro), Pedro Ferreira (marceneiro) e João Simões, (entalhador, de Lisboa) surgem acompanhados das datas e respectivas obras que executaram. Outras notícias são de quadros a óleo e mais documentos da capela. Envia também uma planta aguarelada de Macomboia, de uma das igrejas da Universidade, bem como vários outros documentos do mesmo arquiteto.

Diz-lhe que está convencida que em novembro, Smith fará grandes descobertas no arquivo da universidade. (BAFCG, s.d., cx. 1, capilha docs. 14a a 14g).

A menos de um mês da sua morte, a 29 de julho de 1975, escreve para o diretor da Biblioteca nacional, o historiador Oliveira Marques, pedindo uma reprodução da gravura da Vista do antigo Colégio dos Jesuítas de Coimbra, feita por Carlo Grandi, em Roma, no ano de 1732, com o título de *Imago Collegii in Societate IESU omnium primi a IOANNE III lusitaniae Rege Conimbricae fundati*. Essa Vista reproduzia o edifício da Biblioteca Joanina antes da intervenção pombalina de Guilherme Elsdén.

O legado que Robert C. Smith deixou à história da arte luso-brasileira produzida durante o Antigo Regime, amplifica-se em múltiplas vertentes. Desde logo, no estudo e divulgação que desenvolveu pelos mais variados meios e em variadas geografias e línguas, tais como o português, o inglês, o italiano ou o francês, impulsionando a investigação nas artes decorativas portuguesas e brasileiras e alguns estudos de arquitetura. Abriu caminhos, que se encontravam obstruídos pela mentalidade vigente, que radicava

em práticas enraizadas de menorização destas artes e construiu um edifício sólido, apoiado numa metodologia prática de investigação: leitura dos objetos, fotografia, investigação documental e bibliográfica, consulta dos peritos nas áreas que estudava.

O seu legado testamentário confirma a dedicação demonstrada à arte portuguesa, ao povo que a fez nascer, à instituição que lhe permitiu desenvolver a grande maioria dos seus trabalhos, a FCG e à sua *alma mater*, a Universidade de Harvard, que escolheu como entidade de acolhimento futuro dos estudos e divulgação da cultura portuguesa.

Smith deixou-nos em agosto de 1975, mas graças ao seu trabalho intenso e apaixonado, às suas obras publicadas e inéditas, aos seus apontamentos e fotografias, irá permanecer connosco por largo tempo, tutelando os estudos da arte barroca luso-brasileira.

Referências bibliográficas

- American Philosophical Society. (20/08/2020). 2020-2021 Library & Museum Fellows. American Philosophical Society. <https://www.amphilsoc.org/blog/2020-2021-library-museum-fellows>.
- Apollo*. (1973). Londres, New series, 97(134).
- Biblioteca de Arte, Fundação Calouste Gulbenkian (BAFCG). (s.d.). *Espólio de Robert C. Smith*, cxs. 1, 3, 24, 28.
- . (s.d.). *Exposições, cx. «Robert Smith»*. Serviço de Belas-Artes.
- . (s.d.). *Cópia do testamento de Robert C. Smith*. Arquivo.
- Coleção Particular. (s.d.). *Espólio do Doutor Egídio Guimarães*.
- Decorative Arts Society, Inc. (s.d.). *Awards*. <http://www.decartsociety.org/awards>.
- Ferreira, S. (2019). Robert Smith e André Soares: a vertigem do Rococó. In E. P. de Oliveira (coord.), *18 olhares sobre André Soares* [Vol. II]. Edição do coordenador.
- . (2022). «Gold on blue in Philadelphia. Robert C. Smith and the installation of the «Portuguese Chapel» at the Samuel S. Fleisher Art Memorial». [Trad. «Ouro sobre azul em Filadélfia. Robert C. Smith e a instalação da «Capela Portuguesa» no Samuel S. Fleisher Art Memorial». *RIHA Journal*].
- . (2021). A itinerância das imagens: Robert C. Smith e a exposição «A talha em Portugal» (1963-1991). In *Atas do XIII Congreso de Historia del Arte. Universitas. Las artes ante el tiempo e acrescentar a editora Universidad de Salamanca*.

- Harvard University. (s.d.). *Josiah Blackmore*. <https://rll.fas.harvard.edu/people/josiah-blackmore>.
- . (s.d.). *Robert C. Smith, Jr. Fund for Portuguese Studies*. https://library.harvard.edu/sites/default/files/static/funds/415_492538.html.
- Lopes, C. da S. (2004). *Estudos de História do Mobiliário*. Universidade Católica Portuguesa.
- Moss, R. W. (2014). *Atheneum Profiles: a not-for-profit education*. Oak Knoll Press.
- Schless, N. H. (2003). Letter. *Studies in the Decorative Arts*, 10(2), p. 174. <https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/studdecoarts.10.2.40663059>.
- Platzer, D. (2011). Denys Sutton (1917-91): Editor of «Apollo» 1962-87. *The British Art Journal*, 12(3), pp. 2011-12.
- Russel-Wood, A. J. R. (2000). Robert Chester Smith: investigador e historiador. In D. Sala (coord.), *Robert C. Smith (1912-1975). A investigação na história da arte* (pp. 31-65). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sala, D. (coord.). (2000). *Robert Chester Smith (1912-1975). A investigação em história da arte*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Smith, R. C. (1953). *The Arts in Brazil, baroque architecture in Portugal and Brazil: an introduction made by friends of Edgar Prestage and Aubrey Fitz Geral Bell in Piam Memoriam*. Claredon Press.
- . (1964). Portuguese church benches of the eighteenth century. *The Connoisseur*, 157(632), pp. 130-135.
- . (1965). Frà Giuseppe di Sant'Antonio, mobiliere beneditino del settecento in Portogallo. *Antichità Viva*, Ano IV, (5-6), p. 12.
- . (1969). André Soares, the rebirth of an architect. *The Journal of the American Portuguese Cultural Society*, III(3), pp. 6-22.
- . (1969a). Some Manueline church doorways. *The Journal of the American Portuguese Cultural Society*, III(4), pp. 16-33.
- . (1969b). Agostinho Marques of Braga and his furniture in the Portuguese national style. *The Burlington Magazine*, 101(800), pp. 665-662.
- . (1971). Baroque and Rococo Braga: documenting eighteenth century architecture and sculpture in northern Portugal. *Proceedings of American Philosophical Society*, 115(3), pp. 214-220.
- . (1973). Three Artists of Braga. *Apollo*, 97(134), pp. 376-387.
- . (1970). *Marceliano de Araújo. Escultor Bracarense*. Nelita Editora.
- . (1972). *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça. Escultor beneditino do século XVIII*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- . (1973). *André Soares, Arquitecto do Minho*. Livros Horizonte.
- The Philadelphia Inquirer. (s.d.). *Nancy Schless Obituary*. <https://www.legacy.com/us/obituaries/inquirer/name/nancy-schless-obituary?pid=582295>.
- Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa. (s.d.). *Espólio do Professor Guilherme Braga da Cruz, epistolografia trocada com Robert Chester Smith*.

- Universidade de Coimbra. (s.d.). Livraria do Doutor Manuel Lopes de Almeida. <https://www.uc.pt/bguc/DocumentosDiversos/LopesdeAlmeida>.
- . (s.d.). César Pegado, 1909-1990. <https://www.uc.pt/bguc/DocumentosDiversos/CesarPegado>.
- Universidade do Porto. (s.d.). *Circulo Dr. José de Figueiredo*. <https://arquivoatom.up.pt/index.php/circulo-dr-jose-de-figueiredo>.
- Winterthur. (s.d.). *About*. <https://www.winterthur.org/about/>.
- . (s.d.). Winterthur Program in American Material Culture. <https://www.winterthur.org/winterthur-program-in-american-material-culture/>.